

A POESIA DE CORDEL DE AURITHA TABAJARA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO

Soraima Moreira Alves Ferreira¹

Eliane Cristina Testa²

Yessy Villavicencio Simón³

Ivan Gabriel Grajales Melian⁴

Resumo: Este trabalho aborda algumas práticas de letramento literário, junto a estudantes do ensino médio, por meio do cordel indígena *Coração na aldeia, pés no Mundo* (2018), de Auritha Tabajara. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Como fundamentação teórica, adotamos os seguintes autores: Thiél (2012); Graúna (2013); Cosson (2014); Candido (2017); Dorrico *et al.* (2018); Tabajara (2018); e, ainda, algumas ideias de Testa; Ferreira (2021). Como resultado, apontamos que o cordel na sala de aula ajuda na formação de leitores mais críticos e sensíveis. A poesia de Tabajara também contribui para fomentar o interesse pela literatura indígena, ainda tão pouco explorada na escola, fazendo, desse modo, avançar o letramento literário de alunas e de alunos do ensino médio.

Palavras-chave: Auritha Tabajara. Ensino médio. Letramento Literário. Literatura de Cordel. Poesia indígena.

THE CORDEL POETRY OF AURITHA TABAJARA: A PROPOSAL FOR LITERARY LITERACY IN SECONDARY EDUCATION

¹ Mestranda em Letras, com ênfase em literatura - PPGL/UFT (2020-2022). Especialista em Didática Universitária pela Faculdade Atenas Maranhense de Imperatriz (2011) FAMA Licenciada em Letras - Espanhol e Respectivas Literatura na Universidade Estadual do Piauí (2006) (UESP). Professora de Língua e Literatura espanhola do Curso de Letras, da Universidade Estadual do Tocantins- Unitins/ Câmpus Araguatins e de língua portuguesa da Secretaria do Estado do Maranhão- SEDUC_MA. Email: soraimamoreira@gmail.com

² Pós-doutorado em etnopoiesia (PPGL/2020). Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2015), Mestrado em Estudos Literários (UEL/PR, 2002). Licenciada em Letras pela FAFIPA (1999). Docente da universidade Federal do Tocantins (UFT/ Câmpus de Araguaína), no Curso de Letras (graduação) e no Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura - PPGL. Email: poetisalia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

³ Estudante de doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística y Literatura da Universidade Federal do Norte de Tocantins (PPGLIT-UFNT), Araguaína, Tocantins, Brasil. Email: villavicencioys69@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9006-7775>

⁴ Professor e investigador. Licenciado em Letras pela Universidad de Oriente, Cuba (2004). Doutor em Ciências Literárias, Universidad del Oriente, Cuba (2019). Acumula mais de cinco anos de experiência docente, investigativa, extensionista e administrativa em cursos de licenciatura em Letras (na Universidade de Oriente, Cuba. Email: melian.ivan77@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4163-112X>

Abstract: This paper discusses some literary literacy practices with secondary school students through the indigenous cordel *Coração na aldeia, pés no Mundo* (2018), by Auritha Tabajara. Methodologically, this is a qualitative and bibliographical study. As a theoretical foundation, we adopted the following authors: Thiél (2012); Graúna (2013); Cosson (2014); Candido (2017); Dorrico *et al.* (2018); Tabajara (2018); and also some ideas from Testa; Ferreira (2021). As a result, we pointed out that cordel in the classroom helps in the formation of more critical and sensitive readers. Tabajara's poetry also contributes to fostering interest in indigenous literature, which is still so little explored at school, thus advancing the literary literacy of secondary school students.

Keywords: Auritha Tabajara. Secondary education. Literary Literacy. Cordel literature. Indigenous poetry.

Considerações iniciais

Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.
(Candido, 2017, p. 112)

Desde que a Lei nº 11.645, de 08 de março de 2008, foi implantada no Brasil, foram incluídas nas escolas as temáticas História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, fazendo destes conteúdos parte do currículo escolar. Comumente, são as disciplinas de História, de Artes e de Literatura que oferecem aos estudantes acesso à história da cultura afro-brasileira e/ou à cultura indígena. Desse modo, trabalhando com suas ricas manifestações artístico-literárias e ajudando a dar visibilidade às produções que foram por muitos séculos invisibilizadas ou tidas como “literaturas menores”. Na obra *Contrapontos da literatura indígena contemporânea* (2013), Graúna (2013, p. 15) afirma que:

[a] literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (Graúna, 2013, p. 15).

Nesse viés, observa-se que a literatura indígena percorre lentamente em direção aos leitores e, do mesmo modo, segue a produção literária elaborada pelos próprios indígenas. Não podemos esquecer que, ao longo do processo histórico, essa literatura passou por invisibilizações e por silenciamentos. Atualmente, esta produção indígena ocupa, nas palavras de Graúna (2013), um lugar de resistência.

Destacamos que, desde a década de 1970, a literatura indígena tem como protagonistas na luta pelo reconhecimento da produção indígena autores como Eliane Potiguara e Daniel Munduruku. Assim, nessa luta e em busca de ocupar cada vez mais espaço no mercado e na produção literária brasileira, destacam-se autores como Márcia Kambeba, Olívio Jekupé, Cristino Wapichana, Aritha Tabajara, Carlos Tiago Hakiy, Aline Rochedo Pachamama, Ely Macuxi, Rony Wasiry, Elias Yaguakâng, Lia Minapoty, Yaguarê Yamã, dentre outros.

De acordo com Janice Thiél (2012, p. 47), “[...] as textualidades indígenas têm no índio não só um referente, mas principalmente um agente. Ele escreve tanto para um público-alvo indígena quanto para os não índios”. Desse modo, indígenas e não indígenas podem desfrutar dessas produções que carregam o oral-escritor e o caráter coletivo do povo. Também, a literatura indígena está sendo estabelecida, pensada e estruturada a partir de padrões culturais e de elementos estilísticos dos povos indígenas (Franca; Silveira, 2014). Ainda, importante frisar que essa literatura e os autores indígenas refletem seus lugares de fala (Ribeiro, 2017), como espaço ocupado, assim, são emissores de discursos literários singulares.

Por isso, precisamos oferecer aos estudantes diferentes produções literárias, incluindo a literatura indígena. É fundamental não só propor uma educação literária com as obras clássicas e/ou canônicas na escola, mas também criar meios de os estudantes terem acesso às literaturas plurais, pois estas estão ganhando mais força e visibilidade e vêm democratizando a literatura brasileira contemporânea, bem como as práticas sociais extramuros da escola. Sendo assim, é importante a escola estar conectada às novas realidades sociais.

Acreditamos que a escola é mais um espaço de possibilidades para (re) conhecer e para divulgar a literatura indígena brasileira, que tem suas potencialidades estético-criativas, como defende Graúna (2013, p. 55):

Apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas (Graúna, 2013, p. 55).

Nesse sentido, como aponta Graúna (2013), esse lugar é possível e pode estar na própria sala de aula, seja no ensino fundamental, seja no ensino médio. Por essa razão, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as potencialidades do cordel indígena *Coração na aldeia, pés no Mundo* (2018), tomado também como recurso didático a fim de fomentar o letramento literário dos estudantes no ensino médio.

O cordel: uma manifestação cultural viva

O cordel é uma manifestação cultural viva. No Brasil, a literatura de cordel apresenta-se como um grande exemplo de expressão da cultura popular em razão de seu dinamismo singular literário e estético. Muitos textos cordelianos abordam os mais diversos temas cotidianos e/ou jocosos. Assim, podendo o cordel perspectivar uma época ou expressar ideias sobre determinados acontecimentos. Para Oliveira Galvão (2006), as origens da literatura de cordel estão relacionadas ao hábito milenar de contar histórias, que, aos poucos, começaram a ser escritas, sendo depois difundidas pela imprensa (Galvão, 2006, p. 121). Desse modo, percebemos o quanto da oralidade existe na literatura de cordel.

Em sua estrutura, o cordel apresenta elementos como rimas, estrofes, versos, musicalidade, humor, linguagem simples, etc. A produção de cordel pode envolver a produção de folhetos e de xilogravuras. O cordel é considerado como uma manifestação poética histórica e cultural, que expõe e/ou imprime hábitos, vivências, tradições ou conta as histórias de um povo.

Trata-se de um produto cultural importante, uma produção poética que se comercializa em diferentes espaços, principalmente nos espaços das feiras. Além disso, seu caráter popular tem relações intrínsecas com a oralidade, assim, foi se perpetuando e passando de geração em geração, bem como passando por difusões. Conforme aponta Marcuschi (2003):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (Marcuschi, 2003, p. 25).

Nesse contexto, pode-se dizer que a oralidade está associada às experiências culturais de um povo, situação que representa ainda a tradição da coletividade, os costumes e, sobretudo, as histórias de vidas que caracterizam um povo, uma nação, marcando a cultura de uma sociedade. Assim, entende-se que a literatura oral exerce funções de entretenimento, de informação, de enunciação, de uma moral coletiva, de homogeneização do grupo social, que perpetua a cultura com traços de oralidade. Nessa perspectiva, a popularidade do cordel está atrelada à força do encantamento da oralidade. Apesar disso, ganha potência na escrita, mas sem deixar de carregar as marcas da oralidade e da musicalidade.

Deste modo, de acordo com Ong (1998), isso possibilita à cultura popular se firmar não apenas como registro oral, mas também como texto escrito, fortalecendo ainda mais sua identidade. Por conta dessas especificidades, a literatura de cordel não é uma simples transcrição, mas o registro da memória cultural popular. Em relação ao cordel, na obra *Cordel: leitores e ouvintes*, Galvão (2006) considera que:

Os estudos sobre História da Leitura, esses 'índices de oralidade' não se constituem em representações de práticas de oralidade, mas se referem aos dispositivos depositados nos textos, explícitos ou implícitos, que conferem a eles uma destinação oral (Galvão, 2006, p. 76).

Nesse sentido, essa destinação da oralidade ganha uma dimensão ainda maior com a escrita dos primeiros cordéis/folhetos, visto que muitos destes foram elaborados a partir dos versos improvisados nas antigas pelejas – que eram os desafios entre os cantadores – e memorizados pelos poetas que versaram e ouviram.

Esse contexto da cultura da oralidade carregada no texto escrito desencadeia uma performance oral-escrita, podendo despertar no ouvinte/leitor “[...] a palavra em estado de poesia” (Testa, 2015, p. 145). Em outros termos, um encanto transmitido pela palavra viva, grafada no papel, inscrita na voz de um povo e declamada em versos, com uma função transformadora, tanto na vida dos poetas/ouvintes como dos ouvintes/poetas, deixando, portanto, marcas na cultura literária e social de um povo.

Para Curran (2003, p. 20), “o cordel, como crônica poética e história popular, é a narração em verso do ‘poeta do povo’, no seu meio, o ‘jornal do povo’”. Nesse sentido, o cordel pode ser compreendido como uma crônica poética popular que expressa a cosmovisão das massas, sobretudo por adotar a linguagem do povo. No entanto, é importante destacar que a métrica do cordel apresenta padrões estruturais estéticos ricos literariamente, como as quadras, as sextilhas, a setilha, a oitava, o quadrão, a décima e os martelos, associados, muitas vezes, às xilogravuras. E muitas dessas características do cordel são particularidades específicas que encantam os leitores.

O cordelista contemporâneo Bráulio Bessa, em sua obra *Poesia que transforma* (2018, p. 82), afirma: “Patativa do Assaré foi minha inspiração”. Hoje, Bessa se faz presente em diferentes plataformas, pois constantemente participa de programas de grandes emissoras de TV e de rádio do país, bem como em diferentes redes sociais. E tudo isso consiste em ocupar espaços para divulgação e para dar visibilidade à produção de cordéis no Brasil.

Atualmente, existem cordelistas vivendo em diferentes lugares do país de Norte a Sul. No Piauí, em Teresina (PI), por exemplo, sabe-se que existe uma cordelaria chamada “Cordelaria Chapada do Corisco”, criada em 2019. É uma associação de cordelistas piauienses, cujo principal objetivo é o de fortalecer a cena do cordel nesta região do país e incentivar (jovens e adultos) a se enveredar criativamente a este tipo de composição poética.

Portanto, do anonimato ao reconhecimento, o Brasil possui grandes cordelistas, dentre os quais estão Leandro Gomes de Barros (1865-1918), poeta-cordelista, considerado por muitos estudiosos como um dos “pais do cordel” do nosso

país. Ele foi o primeiro cordelista a viver exclusivamente da venda dos folhetos de cordel, pois além de escrever, também editava e vendia. Ainda, costumava recitar seus poemas em lugares públicos, como feiras, paradas de ônibus, mercados, entre outros, e publicou ao todo mais de duzentos títulos, com diferentes temáticas.

Outro nome pioneiro entre os cordelistas brasileiros é o de João Martins de Athayde, que também escrevia e vendia seus folhetos, montando, inclusive, sua própria editora. Desse modo, passou a imprimir não somente folhetos de sua autoria, mas também comprou os direitos de publicação de outros autores, até mesmo de Gomes de Barros. Podemos também destacar os cordelistas maranhenses, tais como Jeremias Pereira da Silva, conhecido como Gerô, e Moizés Raimundo Lobato Nobre, que adotou o nome artístico de Moisés Nobre. Esses poetas são ímpares na história do cordel no Maranhão, apesar de o estado não ter uma expressão tão forte no cordel se comparado a Ceará, Pernambuco ou Paraíba, por exemplo, lugares em que se busca sistematicamente manter essa cultura viva.

Auritha Tabajara: uma cordelista indígena

A cordelista indígena brasileira Francisca Aurilene Gomes Silva, que tem assinado seus livros com o nome de Auritha Tabajara, nasceu em 1979, na aldeia Tabajara, no topo da Serra Ibiapaba, a oeste do Estado do Ceará, na região de Poranga, na divisa com o Estado do Piauí, por mãos de duas parreiras. Tabajara é uma mulher indígena, nordestina, cearense, escritora cordelista, contadora de histórias e terapeuta holística. Ela desponta na literatura como a primeira cordelista indígena brasileira. É apaixonada pela escrita desde os seis anos de idade, quando aprendeu a ler.

Sua primeira obra publicada foi *Magistério indígena em verso e prosa* (2007), lançada no Estado do Ceará e adotada como leitura obrigatória pela Secretaria de Educação do Estado. Ganham destaque as seguintes obras: *Toda luta história do povo Tabajara* (2008); *Um passarinho tristonho* (2008); *Diário de Auritha* (2009); *A sagrada pedra encantada* (2019); *A grandeza Tabajara* (2019); *A lenda de Jurerê* (2020); *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018, Selo FNLIJ, em 2019), esta última

obra rendeu o título de primeira cordelista indígena brasileira à escritora. Além disso, a escritora tem vários textos em cordéis publicados em antologias indígenas e em revistas on-line, a exemplo da *Revista Maria Firmino dos Reis*; da *IHU* e da *Revista Acrobata*. Tabajara também participou do importante projeto *Circuitos dos saberes indígenas*, promovido pelo Itaú Cultural (2019).

Ressalta-se que o texto cordeliano *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Tabajara, apresenta-se como uma via importante para relatar sua história de vida, assim, a escritora constrói uma poética autobiográfica forte e marcante. Além disso, o cordel é marcado por um ritmo musical melopeico e, ainda, por meio da palavra indígena, a autora consegue perspectivar a história do seu povo.

Para a autora, as mulheres indígenas precisam ajudar nesta construção da desmistificação dos “estereótipos negativos” sobre a sociedade indígena (Testa; Ferreira, 2021, p. 280). Por isso, a luta é constante, e a escola precisa voltar o seu olhar e a sua ética educacional para tais questões (e/ou pautas) democráticas, necessárias e urgentes.

Literatura indígena: uma ferramenta de luta e de resistência

A história da nossa colonização literária (ou não) ocorreu por meio da literatura de viagem, marcada pelas cartas dos viajantes, padres e/ou aventureiros interessados em riquezas. Essa história descreve fatos que caracterizavam os indígenas (aliás, chamados de modo pejorativo de “índios”) com um viés de submissão, expresso em um tom munido de preconceitos, imperando o ponto de vista da escravidão e da apostasia (renúncia ao cristianismo), da violência (sob o olhar da crítica ao canibalismo ou às guerras tribais), etc. Nesse contexto, há uma total exclusão da voz indígena conferida pelos próprios europeus, à época. Historicamente, observamos forte tendência a discursos que pretendem desacreditar as lutas dos indígenas no Brasil. Até os dias de hoje, os povos indígenas sofrem constantes ameaças em seus direitos.

Também, a literatura de informação, que tem como protagonista o indígena na visão europeia, marca inicialmente a história da literatura brasileira com a criação de representações estereotipadas, em que os indígenas não se reconhecem pela ausência de suas vozes. Nesse sentido, a visão que o não indígena construiu do indígena é marcada pelo desprezo e pela negação de sua condição humana (Graúna, 2013).

Na literatura, o romantismo brasileiro explorou muito a temática indígena. Ela foi abordada, por exemplo, nas obras *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), as duas de José de Alencar (1829-1877), escritor do Romantismo brasileiro, em que há uma representação do indígena, a qual passa a ser uma literatura indianista, pautada na visão do homem branco-europeu, logo, não podemos considerar como literatura indígena.

Atualmente, quando se fala em literatura indígena, fala-se a respeito da autoria indígena, pois escritoras e escritores indígenas têm buscado ocupar cada vez mais espaço na literatura brasileira contemporânea. Por essa razão, a literatura indígena tem se propagado como um símbolo de resistência e de luta dos povos originários.

De modo geral, a literatura indígena congrega a identificação de questões de oralidade (oral-escrito) e da identidade indígena. De acordo com Thiél (2012, p. 120), “[...] a produção da literatura indígena surgiu no final do século XX e entra no século XXI como movimento literário e também político, de afirmação de identidade e cidadania”. Por isso, essas produções literárias indígenas contemporâneas (re) contam a história do Brasil, especialmente a partir de uma narrativa oposta à oficial.

Na década de 1970, a escritora indígena Eliane Potiguar começou a publicar crônicas e poesias, assim, podemos dizer que isso é um marco inicial da luta pela literatura indígena. Inspirada na geração mimeógrafo, a escritora publicava seus poemas com muita dificuldade. Tempos depois, surge a obra *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã* (publicado pela primeira vez em 1980), um livro que reúne autores indígenas, como Umusi Pãrõkumu e Tõrãmã Kêhíri (do povo Desana). Nessa obra, os escritores indígenas contam e recontam as histórias que eles ouviam de seus pais.

Especificamente, as histórias (orais-escritas) contadas pelos próprios indígenas trazem seus pontos de vista sobre o processo histórico do Brasil, imprimindo, assim, uma noção de história às avessas daquela contada pelos colonizadores. E, nesse contexto, as (os) indígenas tornam-se autoras (es) das suas próprias histórias (auto histórias), ecoando suas tradições e ancestralidades, suas próprias visões, desse modo, a questão da identidade torna-se, também, seu grito de luta e de resistência.

É possível afirmar que, na literatura indígena, há um ativismo indígena em prol do seu protagonismo público, político e cultural, por meio de um registro-voz-práxis-estético-literário, que se constitui em um alicerce sólido da escrita literária. Desse modo, promove-se um fortalecimento da diversidade, das diferenças e da pluralidade literária. Assim, a literatura indígena representa diferentes estratégias de resistência e de crítica social, como afirma Thiél (2012, p. 43):

1) pode ser uma forma de assegurar visibilidade às comunidades indígenas: assim se desfaz a noção de unidade linguística nacional, que ainda hoje é defendida pelos centros de poder; 2) pode vir a legitimar autonomia identitária e política; 3) pode ser uma estratégia de resistência cultural, linguística e de autodeterminação (Thiél, 2012, p. 43).

Nesse sentido, a literatura indígena é munida de sua própria voz, integra a sua própria história, os seus costumes, as suas tradições, as crenças e a sua ancestralidade. Esta simbiose oral-escrita ajuda a perpetuar e a fortalecer as lutas dos povos indígenas. Uma literatura representada por mais de “sessenta escritores indígenas”, como afirma Julie Dorrico, em uma entrevista ao *Brasil de fato* (Moncau, 2022, s/p). A fala de Dorrico aponta que a literatura indígena tem avançado, fazendo parte de uma rica literatura contemporânea brasileira, em que há o indígena como protagonista, com a voz e com o seu sentimento de pertencimento.

Literatura indígena e educação básica

No âmbito legal, a criação da Lei nº 11.654/2008, que estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional, incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Assim, são

citadas as áreas de História, de Artes e de Literatura como disciplinas responsáveis para ajudar a efetivar o reconhecimento das populações ameríndias. Com a implementação dessa lei, verifica-se um grande passo na educação para se construir uma educação literária que englobe as diferentes expressões literárias existentes.

De acordo com o texto da Lei nº 11.654/2008, o ensino deve ser pautado em três princípios: 1) a consciência política e histórica da diversidade; 2) o fortalecimento de identidades e de direitos; e 3) as ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Nesse contexto, do ponto de vista da educação, inegavelmente, houve avanços, e os conteúdos ministrados ajudaram na democratização do conhecimento.

Essa inserção legal é também um caminho para uma mudança na construção política e educativa no sentido de reconhecimento da diversidade cultural do país. Sendo assim, educadores e escolas devem oferecer acesso à produção literária indígena. Além disso, ainda cabe às universidades, aos intelectuais e, principalmente, aos escritores indígenas, um empenho em trazer à tona esse importante capital cultural indígena que o Brasil abriga.

No entanto, há uma inquietante questão a se pensar: como cumprir a Lei nº 11.654/2008, voltada às literaturas indígenas, se há um *déficit* quantitativo de livros disponíveis na escola? Comumente, as obras que circulam nas escolas são limitadas às coletâneas de narrativas indígenas, as quais são frequentemente usadas no mês de abril, em comemoração ao dia 19, dia do “índio”. Esta celebração é objeto de críticas na contemporaneidade, visto que é uma ideia folclórica e preconceituosa, que precisa ser desconstruída e deixar de ser, como refuta Daniel Munduruku, comemorativa, para se tornar “[...]de consciência: é uma data para a gente refletir. Deve gerar nas pessoas um desejo de conhecer, de entrar em contato com essa diversidade dos povos indígenas” (BBC News Brasil, 2022, s/p).

Grosso modo, evidencia-se que precisamos rever a ideia do “dia do Índio”, pois é necessário mudá-la, neste caso, de uma data comemorativa, devemos passar para um cenário de educação literária, que se volte às produções indígenas. Sendo assim, com vistas a possibilitar maior reconhecimento e a inclusão dos diferentes povos

indígenas no ambiente escolar, que, por anos e anos, tiveram suas identidades apagadas e ficaram longe das práticas pedagógicas nas salas de aula.

O fato é que os povos indígenas têm se voltado para o registro da escrita com a intenção de contar suas histórias, para representar sua cultura, falar de seus universos ancestrais, das suas tradições, das suas crenças, das suas formas de ver e de viver o mundo. Assim, a literatura indígena é um modo de expressar o sentimento de pertencimento e de resistência. E essa luta também é de todas e de todos que atuam na educação e também fora dela, visto que é necessário um engajamento para que se possa facilitar o acesso a esta literatura indígena. Esse passo deve ser visto pela escola como um elemento fundamental para formação de leitores críticos e conscientes da pluralidade cultural brasileira.

Portanto, é necessário reconhecer a presença e o direito dos indígenas de ocupar diferentes espaços sociais. Assim, a produção literária indígena deve fazer parte da nossa formação educacional e cultural, tendo em vista que os textos indígenas significam, ainda, a inclusão do outro. Além disso, a escola precisa compreender o letramento literário como uma prática social importante.

Letramento literário no ensino médio

Ainda hoje, a formação de leitores literários nas escolas representa um grande desafio para os educadores, pois sabemos que os estudantes, em sua maioria, não têm o hábito de ler obras literárias. Contudo, mesmo diante dessa realidade e de todos os desafios, a escola ainda mantém firme o seu propósito de formar leitores mais críticos e autônomos (ajudar na construção).

Para estimular a leitura na escola, tem-se como sugestão a literatura de cordel, visto que, a partir dela, é possível ressignificar a ideia de texto literário, despertando alunas e alunos para o texto cordeliano. Nesse sentido, por suas características estéticas e temáticas, a poesia de cordel pode representar e trazer motivação para os estudantes em relação às práticas de ouvir, de ler, de escrever, de memorizar e de declamar cordéis em sala de aula.

Nesses últimos tempos, o cordel vem ganhando espaço dentro do Ministério da Educação (MEC), prova disso é que, desde 2005, o Programa Nacional da Biblioteca Escolar vem adquirindo livros da literatura de cordel, fazendo parte, então, do acervo das escolas. Para que isso se tornasse possível, vários cordelistas tiveram que adequar os seus trabalhos aos parâmetros exigidos pelo referido ministério. Assim, os folhetos ganharam outra roupagem, mas sempre preservando a originalidade e as características do texto de cordel.

Para Viana (2014, s/p), o cordel passa a ser “[...] reconhecido no Brasil inteiro como uma literatura, como uma escola literária e não apenas como peça folclórica, algo que era visto de forma discriminada ou como uma poesia menor”. Posto isso, constata-se que o cordel não é uma poesia menor, mas, sem dúvida, é uma rica possibilidade de atrair a atenção de alunas e de alunos para a leitura de poesia.

A abrangência de temáticas mais próximas às realidades sociais pode ser mais um ponto positivo para incentivar o interesse dos alunos leitores, considerando-se que muitos cordelistas versam sobre os mais variados assuntos, contemplando temas religiosos, políticos, sátiras sociais, acontecimentos sociais, etc. Nesse cenário, esse fato da diversidade temática possibilita aos docentes explorar de muitos modos o texto cordeliano na sala de aula. Ressalta-se, ainda, que muitos cordelistas contemporâneos editam os seus cordéis em folhetos, mas usam também outras possibilidades, tais como impressão no formato de livro, publicação virtual (no formato *e-book*) ou, ainda, deixam disponíveis em diferentes plataformas digitais.

Por toda essa riqueza estético-literária do cordel, optamos por trabalhar em sala de aula com o cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Tabajara, principalmente por se tratar de uma obra poética que traz a voz da mulher indígena como protagonista, uma voz de resistência e de resistência.

O cordel de Tabajara apresenta o reconhecimento da cultura indígena, das histórias ancestrais do seu povo, que são registradas pela palavra poética “oral-escrita”, compondo, assim, as muitas vozes indígenas, de forma coletiva, também. Queiroz (2006) e Melo (2016) atentam para a importância das vozes das mulheres na literatura de cordel, tendo em vista a necessidade de refletirmos sobre a valorização

e a presença das mulheres nas produções cordelistas brasileiras, pois sabe-se que, por muito tempo, este foi um espaço dominado praticamente por homens. Atualmente, esse fato vem se alterando e, aos poucos, estão surgindo novas vozes femininas no cordel.

Também, Nogueira e Rech (2009) refletem acerca do trabalho com o cordel em sala de aula, desse modo, para os autores, cabe ao professor fazer com que o aluno conheça a riqueza da cultura popular, mostrando que o cordel pode ser contagiante em razão da simplicidade da sua linguagem e da rima que ele adota.

Para Cunha (2020, p. 33):

[...] ela retrata uma realidade possível e/ou mesmo existente e chama o aluno leitor para a sensibilidade de problemas existentes em sua vida, na comunidade em que vive, na sociedade mais ampla ou no meio ambiente. Nessa perspectiva, o trabalho com o cordel se faz necessário e urgente na educação do século atual (Cunha, 2020, p. 33).

Sendo assim, o reconhecimento e a presença do cordel na escola tornam-se uma prática pedagógica viável à formação de leitores mais críticos e sensíveis, atentos aos problemas existentes no mundo e na sociedade que os cercam. Por isso, para nós, o cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Tabajara, pode contribuir para fomentar o interesse de alunas e de alunos pela literatura, principalmente porque essa obra também representa diversidade cultural das produções literárias e, ainda, consegue envolver os estudantes para assuntos atuais, a exemplo das temáticas indígenas.

Além disso, levar o cordel de Tabajara para escola vai ao encontro da efetivação da Lei nº 11.645, de 08 de março de 2008. Ainda, implica cumprir com algumas orientações da BNCC (2018) acerca da inclusão da multimodalidade textual na sala de aula e da promoção da prática de multiletramentos. Quando levamos para o ensino médio o cordel de Tabajara, buscamos meios para avançar no letramento literário (compreendido como prática social) dos jovens estudantes, a partir de estratégias de leitura e de escrita em contextos diversos.

Estratégias pedagógicas para o letramento poético

Indiscutivelmente, verificamos a necessidade de uma motivação prévia e, neste caso, preparamos os jovens estudantes do ensino médio (que não conheciam nada de literatura indígena) para conhecer e/ou (re) visitar a produção literária indígena atual. Esse momento foi extremamente importante, pois a ideia era fazer com que se sentissem interessados a participar da proposta da aula. Também, foi exibido o vídeo *A literatura indígena – entrevista com Auritha Tabajara*⁵, como estratégia de motivação ao trabalho a ser desenvolvido em sala de aula.

Ao considerarmos o letramento literário pela leitura literária, compreendemos a importância dela, pois, como defende Castrillón (2011, p. 20): “[...] ler pode ser um meio para melhorar as condições de vida e as possibilidades de ser, de estar e atuar no mundo”. Desse modo, entendemos que a leitura abre um leque de possibilidades na vida do (a) aluno (a) leitor (a). No entanto, sabemos que, muitas vezes, há uma grande resistência por parte dos discentes, visto que muitos deles não têm apreço pela leitura literária, ou não têm o hábito de ler ou, ainda, não mantêm uma prática leitora constante.

Portanto, é inegável que temos dificuldades na escola na tarefa de formar leitores literários. Diante disso, é notório que precisamos realizar a mediação leitora, que serve como uma ponte entre os estudantes e a literatura. Por isso, destacamos que a figura do (a) professor (a) é crucial para propiciar um encontro com a literatura.

Nesse sentido, buscamos a mediação leitora como estratégia para alcançar a fruição poética do cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Tabajara. Para Candido (2017, p. 117), a literatura “[...] nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza [...]”. Desse modo, a literatura sensibiliza os sujeitos dispostos às práticas leitoras, deixando-os abertos para vivenciar o prazer do texto. Para Candido (2017), temos direito à literatura e, nesse viés, buscamos proporcionar aos estudantes este direito, que é o acesso à literatura, de modo especial, à literatura indígena.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qyxf-o7MsCM>). Acesso em: 28 abr. 2022.

O primeiro contato com o texto de cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Tabajara, efetivou-se na leitura coletiva. O livro contém quarenta páginas e traz belíssimas xilogravuras⁶ de Regina Drozina, arte que ajudou a despertar a atenção dos estudantes, que, com isso, fizeram leituras das imagens. Depois, propomos ainda uma leitura silenciosa na sala de aula e uma outra releitura em casa (extraclasse). Houve, posteriormente, uma roda de conversa sobre a obra, em que alunas e alunos puderam externar suas impressões acerca do cordel de Tabajara. Frisa-se que essa socialização, bem como essa partilha de pontos de vista das leituras, traz momentos importantes para a interação e para o engajamento dos jovens no gosto pela leitura.

O foco do livro é a voz indígena enunciada por Tabajara, e esta voz, por sua vez, expressa diferentes sentimentos de modo criativo e poético. O cordel, com sua personagem indígena, alcança diferentes discussões temáticas, por exemplo, quando trata sobre preconceitos ou sobre as desventuras da vida de uma mulher indígena. Ainda, sobre a fala da esperança na busca de melhores condições de vida, ou quando tematiza a vida de uma indígena mulher sozinha, lutando com as dificuldades que a vida impõe. Observe-se o seguinte trecho: “Quando chegou em São Paulo, caiu numa depressão. Sozinha, sem dinheiro. Adoeceu coração” (Tabajara, 2018, p. 30). A questão da depressão e da ansiedade, hoje, é (ou deveria ser, pelo menos) uma questão de saúde pública, porque, mais do que nunca, vemos discentes e docentes acometidos por tais transtornos, que não devem, de modo algum, ser minimizados no ambiente escolar.

Também, foi possível trabalhar com o tema do *bullying* na escola, levando em consideração o seguinte fragmento do cordel: “[...] Na escola, aos sete anos, taxada de rabo quente, feiosa, bucho quebrado, porém muito inteligente” (Tabajara 2018, p. 10). Por certo, a questão do *bullying* deve ser pauta recorrente na escola, pois essa

⁶ Xilogravura: técnica de produção e reprodução de imagens, que consiste na gravação em relevo de uma matriz de madeira (xýlo, em grego) para a impressão de estampas sobre outros suportes. A imagem é produzida por meio da remoção de matéria da matriz, de modo que a estampa obtida traz impressa a tinta fixada nas áreas não retiradas da madeira. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14335/xilogravura>. Acesso em: 28 abr. 2022.

prática hostil ainda se faz muito presente nesse espaço, além disso, também está presente nas redes sociais (*cyberbullying*), visto que os jovens passam grande parte do tempo nesses espaços virtuais.

Ainda sobre a escrita autobiográfica de Tabajara, é notório que ela abre espaço para diferentes formas de ler a vida, de ler o mundo, pois trata de diferentes conflitos emocionais, que são manifestados por meio de um mundo singular, em que uma indígena narrativiza parte de sua história de vida cheia de altos e baixos. Assim, nesse universo da leitura, ela consegue realizar uma interação em vários níveis na vida dos jovens estudantes, fazendo com que se identifiquem em alguns pontos com a personagem/autora e, sobretudo, que identifiquem outras culturas, como a indígena, por exemplo.

Considerações finais

A literatura de cordel é uma rica manifestação histórico-cultural que expõe hábitos, vivências, tradições e diferentes histórias do povo brasileiro. Sua linguagem é dotada de rimas e de musicalidade. O cordel tem um valor imaterial, por isso, ao ser considerado patrimônio cultural, em 2018, recebeu o *status* de patrimônio imaterial nacional, por suas contribuições à cultura brasileira (Iphan, 2018).

Atualmente, o cordel se faz presente nas mais diversas regiões brasileiras, tendo em vista que ele pode estimular o hábito da leitura, sobretudo nas escolas, como também (re) significar o símbolo de resistência e de pertencimento à cultura literária de um povo. Por isso, optamos por falar do letramento literário por meio de um cordel indígena. Nesse processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do ensino médio, a leitura (e a escrita também) fomenta o letramento literário, que se compreende como práticas sociais. O texto escolhido para a realização do trabalho na sala de aula foi o cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Tabajara, como já mencionado.

Dessa poesia em forma de versos, que é o cordel, é possível verificar as potencialidades do texto poético para se efetivar uma educação literária na escola. Desse modo, amplia-se a visão de mundo de jovens alunas e alunos. A leitura é uma prática literária que possibilita o reconhecimento e a importância da literatura, podendo fazer avançar suas práticas sociais. Assim, o cordel de Tabajara oportuniza aos alunos leitores um mergulho em diferentes dimensões, tanto de ordem psíquica como sociocultural.

Atualmente, a literatura indígena brasileira contemporânea compõe-se de muitas vozes, as quais são marcadas especialmente por suas identidades, resistências e lutas. A escrita indígena é expressa esteticamente, mas também se reafirma como um ato político, contemplada por seus ativismos, militâncias e engajamentos na esfera social e cultural, sobretudo naquilo que diz respeito às questões dos direitos dos indígenas, neste caso, em ocupar diferentes espaços, e a escola, certamente, é um desses espaços de formação humana de indiscutível relevância. Portanto, cada vez mais, é necessário propiciar aos jovens estudantes acesso à literatura indígena, como um direito à democratização dos bens culturais e, ainda, para fazer avançar o letramento literário dos educandos.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes, 1992.

BBC NEWS BRASIL. Dia do Índio é data 'folclórica e preconceituosa', diz escritor indígena Daniel Munduruku. Publicado em: 19 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/04/19/dia-do-indio-e-data-folclorica-e-preconceituosa-diz-escritor-indigena-daniel-munduruku.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

BESSA, Bráulio. *Poesia que transforma*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA (SEB). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ SEB, 2018.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para

incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 14 mar. 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2017.

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e escrever*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Angelita Gomes Fontenele Rodrigues. *Práticas de Leitura e de Escrita: o Cordel no Ensino Fundamental*. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2020.

CURRAN, Mark. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 2003.

DORRICO, Julie et al. (org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. *TransInformação*, Campinas, p. 67-76. jan./abr. 2014.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. BH: Mazza, 2013.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Literatura de Cordel*. 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DPI_M1556_CertidaoLiteraturadeCordel.pdf. Acesso em: 7 maio 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. “*Cordel de Saia*”: autora feminina no cordel contemporâneo. 2016. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MONCAU, Gabriela. Julie Dorrico em uma entrevista ao “Brasil de fato”. *Brasil de Fato*, publicado em 7 fev. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/07/no-dia-nacional-de-luta-dos-povos-indigenas-escritora-macuxi-defende-que-literatura-e-ativismo>. Acesso em: 20 mar. 2022.

NOGUEIRA, Angela Maciel; RECH, Maria Isabel. *Origem e Características da Literatura de Cordel*. 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea00709a.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2021.

ONG, Walter J. *Oralidade e Cultura Escrita*. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1998.

QUEIROZ, Doralice Alves de. *Mulheres cordelistas percepções do universo feminino na literatura de cordel*. 2006. 121 f. Dissertação de Mestrado- Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

TABAJARA, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. Lorena: UK'A Editorial, 2018.

TESTA, Eliane Cristina; FERREIRA, Soraima Moreira Alves. CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO. Entrevista com Auritha Tabajara. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 279-283, set. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v10i3.2159>

TESTA, Eliane Cristina. A palavra em estado de poesia. *EntreLetras*, v. 6, n. 2, jul/dez, 2015, p. 144-154. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/2742/8945>. Acesso em: 10 jun. 2021.

THIÉL, Janice. *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VIANNA, Arievaldo. *Leandro Gomes de Barros: vida e obra*. Fortaleza; Mossoró: Fundação Sintaf; Queima-Bucha, 2014.

Recebido em março de 2024

Aprovado em maio de 2024.